

AS CRUZADAS: QUANDO O OCIDENTE E O ORIENTE SE ENCONTRAM

Por Alexandre Aoun*



Batalha de Montgisard (Giacobino/Deviant Art).

No Oriente, a lembrança das Cruzadas é a de um Ocidente agressor; este, por sua vez, as justificou pela reconquista de Jerusalém e proteção aos peregrinos.

Embara datem do século XI, as Cruzadas continuam sendo objeto de discórdia e controvérsia. Este encontro entre dois mundos, duas religiões e duas culturas, do Ocidente cristão e do Oriente muçulmano, continua a suscitar paixões e medos. Este período constitui uma reviravolta na consciência. No Oriente, a memória das Cruzadas perpetua a imagem de um Ocidente agressor. No Ocidente, essas expedições bélicas responderam a uma ameaça e foram oficialmente justificadas e motivadas pela reconquista de Jerusalém e a proteção dos peregrinos.

No entanto, apesar das ações militares que abalaram a bacia do Mediterrâneo Oriental durante dois séculos, este período viu o nascimento de interações culturais e econômicas.

ÀS VÉSPERAS DAS CRUZADAS

Às vésperas das Cruzadas, a orla do Mediterrâneo estava dividida em três regiões distintas e subdivididas: o Império Bizantino, o Ocidente e o mundo árabe-muçulmano.

O Império Bizantino constitui a parte oriental do antigo Império Romano, que caiu em 476. Desde o advento da nova religião muçulmana no século VII, o Império Bizantino perdeu gradualmente seus territórios orientais. Enfraquecido, voltou a concentrar-se na Anatólia e no Mar Egeu. A derrota na Batalha de Manzikert em 1071, nas fronteiras da atual Turquia, completou a expansão dos turcos seljúcidas no Oriente e confirmou a retirada e o enfraquecimento dos bizantinos. Além disso, o cristianismo não forma um bloco homogêneo. No Oriente, diversas igrejas respondem a uma liturgia e teologia diferentes questionando a natureza divina. No entanto, a divisão foi consumada com o Ocidente em 1054, após o Grande Cisma. A disputa pela primazia do Papa quebra a unidade da Igreja. Assim, dois grupos distintos se opõem: os Ortodoxos Orientais e os Católicos Ocidentais.

Por sua vez, o Ocidente é composto por uma infinidade de senhorios e reinos que variam em tamanho dependendo das conquistas. Após a queda do Império Romano em 476, os diferentes senhores criaram feudos. Todos eles se orgulham de estar sob a proteção da Igreja, que encarna o poder centralizador e onipotente da época. Às vésperas das Cruzadas, o medo do Ano 1000 tomou conta do Ocidente. Representa o milênio da morte de Cristo (1033) e deveria punir o mundo cristão pelos seus pecados. Esta leitura exagerada une o Cristianismo contra um potencial inimigo comum.

Por seu lado, o mundo árabe-muçulmano tem estado em franca expansão desde o advento da nova religião. Depois de conquistar a Península Arábica com a morte de Maomé em 632, as tropas muçulmanas tomaram a Síria, a Palestina e o Egito. Jerusalém foi conquistada em 638. Estas conquistas territoriais foram geralmente acompanhadas por uma islamização das populações locais. No entanto, várias minorias cristãs permanecem por lá. É o caso dos maronitas, melquitas, siríacos, caldeus e coptas. A expansão territorial é deslumbrante. No espaço de um século, os muçulmanos estavam às portas do Ocidente cristão em Poitiers, em 732.

Depois do apogeu das primeiras dinastias omíadas e abássidas, o mundo muçulmano foi vítima de divisões internas. A partir de 969, surgiu um califado fatímida, de fé xiita, no Egito e na Síria. Em outros lugares, os territórios estão divididos em várias entidades político-territoriais. Além disso, a chegada de populações nômades de língua turca perturba o equilíbrio pré-estabelecido. Estes últimos abraçaram o sunismo e tornaram-se adversários formidáveis do Império Bizantino. Eles formam a dinastia seljúcida. Assim, às vésperas das Cruzadas, uma divisão muito clara tomou conta do mundo muçulmano. O poder religioso está nas mãos do califa árabe de Bagdá, enquanto o poder militar é prerrogativa do sultão seljúcida.

RAZÕES OFICIAIS E NÃO OFICIAIS

Para justificar tal empreendimento, é comum citar o apelo do Papa Urbano II à Cruzada em 1095 durante o Concílio de Clermont-Ferrand. Ao analisar este texto, percebemos que a parte dedicada à luta contra “o infiel” (o muçulmano) representa apenas uma ínfima parte. Na verdade, durante este concílio, o papa colocou ênfase no respeito pelo dogma, na conduta dos sacerdotes e na obrigação

de jejuar. No entanto, este acontecimento continua a ser o pretexto oficial e direto para o início das Cruzadas.

No entanto, as razões são mais profundas. Desde o advento da nova religião muçulmana e sua expansão meteórica em direção à Europa, o Islã tem sido motivo de preocupação para o Ocidente cristão. Este último pretende defender as fronteiras naturais do cristianismo. As tropas muçulmanas estão presentes na Córsega, na Sicília, nas Ilhas Baleares e na Península Ibérica, onde realizam vários ataques. Além disso, o imperador bizantino Alexis Comnenus alertou o Ocidente sobre os perigos das tropas turcas e árabes. Na verdade, desde a derrota de Manzikert em 1071, os peregrinos cristãos já não podem ir à cidade santa de Jerusalém. Ele também informou o Ocidente sobre o saque e destruição da Igreja do Santo Sepulcro em 1009 pelo califa fatímida Al-Hakim.

Diante desta ameaça existencial, o Papa Urbano II promete a quem carrega a cruz e participa desta peregrinação armada a absolvição dos seus pecados. A principal razão apresentada é, sem dúvida, a recuperação das taxas pela peregrinação a Jerusalém. No entanto, a defesa da Cidade Santa também serve de pretexto para um empreendimento mais amplo, o de combater e travar a expansão muçulmana. Como resultado, pregadores e padres pregam a guerra santa nas aldeias europeias para aumentar os exércitos.

A noção de “cruzada” só foi conhecida a partir do século XIII. Naquele momento, falávamos de uma “viagem a Jerusalém” ou de uma “peregrinação” usando a semântica da guerra e da conquista contra um inimigo (o infiel). A cavalo e principalmente a pé, a aventura revela-se perigosa. Por amorismo e excesso de zelo, um bom número de cruzados perderam a vida no caminho para o Oriente.

A CRIAÇÃO DOS ESTADOS LATINOS DO ORIENTE

Muito rapidamente, o anúncio de uma peregrinação à Terra Santa ganhou força no Ocidente. Muitas famílias pobres deixam para trás suas condições de pobreza e esperam um futuro melhor no Oriente. Guiada pelo pregador Pedro, o Eremita, a cruzada dos pobres cometeu massacres nas populações judaicas na Europa Central. Assim que chegaram à Anatólia, foram massacrados pelas tropas turcas.

A primeira cruzada começou realmente em 1096 com a participação de barões e cavaleiros renomados, como Godofredo de Bouillon, Balduíno de Bolonha e Raimundo de Saint Gilles. Pararam em Constantinopla com o imperador bizantino, prometendo-lhe que os futuros territórios conquistados estariam sob sua autoridade. A cruzada transformou-se em um verdadeiro empreendimento de conquista. Uma vez lá, ignoram os acordos feitos com o imperador. Na verdade, criaram estados independentes no Oriente. O condado de Edessa foi administrado por Balduíno de Bolonha e o principado de Antióquia foi fundado por Boemundo de Taranto.

A cidade de Jerusalém caiu nas mãos dos Cruzados em 15 de julho de 1099. Segundo os cronistas da época, os cavaleiros cristãos realizaram massacres, não fazendo distinção entre cristãos orientais e muçulmanos. Godofredo de Bouillon toma o reino de Jerusalém. O último estado latino a ser fundado foi o condado de

Trípoli, na costa libanesa. Ajudado pelos cristãos maronitas, Raimundo de Saint Gilles ergueu uma cidadela no coração da cidade.

Ao fazê-lo, a Primeira Cruzada foi um sucesso político e territorial para os Cruzados. Ao empurrar os muçulmanos para o interior, capturaram uma faixa costeira que se estendia da Anatólia a Gaza. A sobrevivência destes microestados depende da ajuda material e humana enviada pelo Ocidente. Assim nascem várias gerações no Oriente, absorvem a cultura local, são chamados de “Potros”. Devido ao desconhecimento da região e da cultura, os recém-chegados cometem vários abusos que dissuadem a maioria dos seus correligionários orientais de se juntarem a eles.

Por sua vez, as tropas muçulmanas, surpreendidas pela primeira cruzada, sentiram-se humilhadas por um inimigo externo. Desde o advento do Islã, os muçulmanos não tinham sofrido tal derrota em suas terras. É assim que a noção de Jihad ressurge. Em oposição às cruzadas, defendia-se uma luta armada contra o infiel (o cristão). Consequentemente, dois mundos ultraconfessionalizados se enfrentam. Ambos se consideram e se percebem como inimigos naturais. O período das Cruzadas viu nascer e consolidar antagonismos políticos, territoriais e religiosos.

* * *

A chegada dos Cruzados ao Oriente no final do século XI perturba os equilíbrios pré-estabelecidos. A criação de Estados latinos no Levante e os abusos cometidos levaram os muçulmanos a se reestruturarem militarmente. Inicialmente desunidos, uniram-se e reuniram-se sob a liderança de figuras como Salah Al-Din, Al-Adil, Al-Kamil e Baybars. Através de negociações, cercos e batalhas, as tropas muçulmanas retomaram gradualmente os territórios conquistados. Por seu lado, os cruzados não tinham meios para concretizar suas ambições. Eles ficam atolados em um empreendimento caro e perigoso.

Este período de convulsão esconde interações culturais, religiosas e econômicas. Apesar dos antagonismos e confrontos, o Ocidente cristão e o Oriente muçulmano “descobriram-se” um ao outro. Até hoje, as Cruzadas constituem o elo inicial de uma história tumultuada entre as duas margens do Mediterrâneo.

A RESPOSTA MUÇULMANA

Após a humilhação da Primeira Cruzada e o estabelecimento dos quatro Estados Latinos no Levante, o mundo árabe-muçulmano regressou à noção de Jihad (guerra santa) contra o ocupante. A partir de 1144, o condado de Edessa caiu nas mãos do emir Zanki, da dinastia seljúcida. Esta perda significativa enfraquece a economia e a coesão dos vários Estados cristãos do Oriente. Isso levou à eclosão da Segunda Cruzada, pregada em particular pelo monge Bernardo de Claraval.

Esta segunda cruzada foi liderada pelo rei da França Luís VII e pelo imperador alemão Conrado III. Eles seguem a mesma rota terrestre da Primeira Cruzada. O objetivo é retomar o condado de Edessa dos seljúcidas. Mas, confrontados com a resistência muçulmana, os cruzados decidiram sitiar Damasco, uma cidade muito

rica e de importância estratégica. A cidade é governada pela dinastia turca Burid, que inicialmente se recusou a se opor aos cruzados. Apesar da dureza do cerco, os habitantes damascenos resistiram e forçaram as tropas francas a recuarem em 1148. Esta tentativa terminou em um amargo fracasso.

Coroados com esta vitória, o mundo muçulmano está gradualmente se unindo e quer recuperar Jerusalém, a terceira cidade mais sagrada do Islã. No entanto, o Oriente continua dividido. Sob a liderança de Noureddine, filho do emir Zanki, a Síria está unificada. Ele enviou o jovem Salah Al-Din (conhecido no Ocidente como Saladino) para acabar com a dinastia fatímida no Egito. Esta dinastia desapareceu em 1171. Após a morte de Noureddine em 1174, Saladino proclamou-se sultão e pretendia tornar-se senhor indiscutível do Oriente muçulmano. De origem curda iraquiana, tornou-se o fundador da dinastia Aiúbida.

Saladino lança um ataque à cidade de Tiberíades para acabar com os abusos do Barão Reinaldo de Châtillon. Este último até planejou uma expedição a Meca. Diante do desastre dos Cruzados, Guido de Lusignan, rei de Jerusalém, decidiu ajudar os francos. Consequentemente, Jerusalém viu-se indefesa. Tropas cruzadas e muçulmanas se encontram em Hatim. As tropas francas são cercadas e massacradas. Assim, Saladino entrou vitorioso em Jerusalém em 2 de outubro de 1187. Os cronistas da época mencionam o comportamento cavalheiresco do soberano muçulmano, bem como a sua boa índole. Na verdade, ele teria salvado a vida dos habitantes cristãos da cidade santa. Ele restabeleceu o culto muçulmano, mantendo o culto cristão. A reconquista de Jerusalém pelas tropas muçulmanas justifica o apelo à Terceira Cruzada.

A REAÇÃO DOS CRUZADOS

Quando a queda de Jerusalém foi anunciada em 1187, Inglaterra, Alemanha e França participaram de uma nova expedição ao Levante. Durante a travessia, o imperador germânico Frederico I Barbarossa se afogou nas águas de um rio da Cilícia (Ásia Menor), provocando a dispersão das suas tropas.

Ao contrário das anteriores, a Terceira Cruzada (“cruzada dos reis”) tomou o caminho marítimo. Os navios italianos transportam tropas e cargas para o Oriente. Sob o comando do rei da Inglaterra Ricardo Coração de Leão e do rei da França Filipe Augusto (Filipe II), as tropas francas dirigiram-se em direção a São João de Acre. Estabelecendo cerco, os cruzados eventualmente capturaram a cidade. Seguiram-se várias negociações para a libertação de prisioneiros muçulmanos em troca de um grande resgate e a devolução da relíquia da Verdadeira Cruz. Tentando ganhar tempo para reunir o saque, Saladino irritou impacientemente Ricardo Coração de Leão, que acabou massacrando os prisioneiros. Por outro lado, o rei da França decide retornar ao Ocidente, deixando para trás 10 mil cavaleiros.

Agora sozinho, o rei da Inglaterra parte para conquistar Jerusalém. No entanto, Saladino prejudicou muito o seu progresso com a técnica de terra arrasada, forçando Ricardo Coração de Leão a negociar com seu irmão Al-Adil. Segundo cronistas árabes, estas negociações viram nascer uma amizade entre os dois protagonistas. As longas discussões resultaram em uma trégua militar. Isto

estipula que a cidade santa permaneça nas mãos dos muçulmanos, que se comprometem a garantir a liberdade de peregrinação. Por outro lado, os cruzados controlavam um território que se estendia de Tiro a Jaffa. Quando Saladino morreu em 1193, o seu irmão Al-Adil assumiu o poder e estabeleceu relações mais ou menos pacíficas com os Estados Latinos. Seu filho Al-Kamil seguiu a mesma política até 1238.

O PARÊNTESES DA QUARTA CRUZADA

Esta cruzada confirma os antagonismos e disputas entre cristãos ocidentais e cristãos orientais. Durante várias décadas, Veneza consolidou-se como uma cidade comercial e pretende aumentar suas prerrogativas na costa do Adriático. Apesar do objetivo inicial de chegar ao Levante e libertar o Santo Sepulcro, a Quarta Cruzada comprometeu-se com o saque de Constantinopla em 1204 e capturou a cidade. Na verdade, os bizantinos foram expulsos e recuaram em direção a Nicéia e Trebizonda.

Esta quarta expedição completa a divisão entre as duas igrejas. Também mancha a imagem piedosa e honesta do cavaleiro cruzado.

A GRANDE REVOLTA

Lançada em 1215 pelo Papa Inocêncio III, esta Quinta Cruzada reuniu o Duque da Áustria e o Rei da Hungria. Eles decidem atacar Damietta, localizada na foz oriental do Nilo. Os cruzados queriam enfraquecer o Egito antes de recuperar Jerusalém. A cidade de Damietta cai nas mãos dos cruzados. Perante este desastre, o soberano Malik Al-Kamil propôs devolver aos latinos o antigo reino de Jerusalém com exceção da Transjordânia. Fortalecidos pela vitória, os cruzados recusam e decidem marchar em direção ao Cairo. Presos pela inundação do Nilo, eles foram finalmente forçados a devolver Damietta aos aiúbidas.

A Sexta Cruzada foi o feito do imperador germânico Frederico II em 1228. Após diversas negociações e contatos diplomáticos com Al-Kamil, obteve as cidades de Jerusalém, Belém e Nazaré sem ter derramado uma gota de sangue. Jerusalém é reconhecida como cidade sagrada por ambas as religiões. Contudo, este sucesso não foi reconhecido no Ocidente devido à excomunhão do imperador pelo Papa. A esta altura surgiu uma disputa com o grupo dos Templários. Inicialmente este grupo de monges guerreiros, fundado em 1118, tinha como missão defender os peregrinos que se dirigiam a Jerusalém. Aos poucos, constituem um contrapoder ao assumir funções financeiras e comerciais.

Em 1244, a cidade de Jerusalém foi finalmente tomada pelos corásmios, uma tribo da Ásia Central. A perda da cidade santa desencadeou a Sétima Cruzada em 1248. Sob o comando do rei Luís IX da França, as tropas cruzadas tentaram sitiar Damietta no Egito pela segunda vez. A cidade finalmente se rendeu em 6 de junho de 1248. Sofrendo de tifo, o rei derrotado foi forçado a abandonar a cidade e foi feito prisioneiro. Ele é libertado mediante o pagamento de um grande resgate. Não conseguindo reconquistar Jerusalém, dirigiu-se para São João de Acre em 1250,

onde reorganizou as defesas da cidade antes de retornar à França, após a morte de sua mãe Branca de Castela em 1254.

Os remanescentes dos Estados Latinos foram gradualmente dominados pela chegada das hordas mongóis de Hulagu (neto de Gengis Khan) que saquearam tudo em seu caminho (saque de Bagdá em 1258) e pelo advento da nova dinastia muçulmana dos mamelucos. O soberano mameluco Baybars mostrou intransigência para com os Estados Latinos, o que, no entanto, o ajudou a repelir os mongóis durante a batalha de Ain Jalut na Galiléia em 1260. O sultão Baybars reconquistou gradualmente todas as possessões cruzadas. Nazaré, Belém, Cesaréia e depois a Praça dos Templários em Beaufort caem uma a uma.

A oitava e última cruzada não mudou nada. Luís IX parte novamente em expedição em 1270 e faz escala em Túnis, onde pretende cristianizar o território e usar esta base de retaguarda para atacar o Egito. Mas vítima da peste ou disenteria (segundo diferentes fontes), o rei da França morreu em 1270 em Túnis. O soberano Baybars retoma sua empreitada de desapropriação dos lugares dos Cruzados. Ele conquista a fortaleza de Krak dos Cavaleiros. Além disso, seu sucessor arrasou e massacrou a cidade de Trípoli. O território atravessado não se limita mais à cidade de São João de Acre. A última expedição militar italiana quebrou a trégua negociada com os muçulmanos em 1272. Realizou massacres e recordou os abusos e crimes cometidos durante a Primeira Cruzada. Os cruzados italianos matam todos os que têm barba, tanto muçulmanos como cristãos orientais.

Ao fazer isso, o sultão mameluco Al-Achraf Al-Khalil sitiou São João de Acre, empurrando os últimos templários e os últimos cruzados a deixarem a cidade em 18 de maio de 1291. Na pressa, eles correram para os barcos venezianos. Lotados, eles enchem as margens. É assim que termina a epopeia das Cruzadas.

Este encontro, este confronto entre dois mundos permanece uma memória dolorosa para o Oriente. A imagem de um Ocidente agressor se mantém ao longo do tempo. As Cruzadas alimentaram um sentimento de desconfiança entre as duas margens do Mediterrâneo. Apesar dos antagonismos e confrontos, este período ainda constituiu um enriquecimento mútuo no comércio, na ciência e na teologia.

Publicado no [Le Dialogue](#).

***Alexandre Aoun** é jornalista franco-libanês e analista geopolítico especialista no Oriente Médio. Tem formação em História e Geografia e mestrado em Relações Internacionais com especialização no Mundo Árabe. Com experiência profissional no Líbano e na Síria, conhece profundamente o tecido social e religioso das sociedades orientais. Fundou o site [monorient.fr](#), onde analisa as notícias, a história e a cultura do Oriente Médio. Seu trabalho tem sido publicado em meios especializados como *Chronik*, *Middle East Eye*, *Orient XXI*, *Le Monde Arabe*, *IHEDN* e *Journal International*. Atualmente é repórter da equipe editorial do *Sputnik News*.
